



Desnudar a Consciência

Não raras vezes, somos acometidos pelas “surpresas” que o mundo nos oferece. Digo “surpresas” porque, muitas vezes, são apenas resultado de um modo de ver a vida, entender o mundo e fazer escolhas. A humanidade experimenta grandes desafios, talvez maiores do que dá conta. Os ânimos parecem cada vez mais acirrados, a paciência se transforma em intolerância, sobretudo com aquilo que não nos satisfaz imediatamente ou com o que não corresponde às nossas expectativas. Nessas horas, parece que o que importa é que precisamos resolver a nossa própria necessidade, ajustar a realidade ao nosso ponto de vista, adequar os valores à nossa crença e o mundo ao “nosso” mundo.

No meio do turbilhão social pelo qual passa a humanidade, todas as instituições sofrem as consequências. No meio de tantas, a escola tem se tornado alvo do esfacelamento do tecido humano e social. A cada instante, “novidades” surgem, especialmente na esfera do mundo virtual e tecnológico, afetando a vida e a convivência entre as crianças, adolescentes e jovens.

Muitos educadores e profissionais da saúde física e mental têm alertado para o impacto negativo que as telas estão causando nesse público. Presas fáceis de espertalhões e mal-intencionados, jovens e crianças caem facilmente nas garras do perigo, das ameaças e das *fake news*, experimentando o vazio de sentido, a autodestruição e até a morte.

A escola é uma “caixa de ressonância” de uma sociedade aparentemente sem rumo. Contudo, quando algo “estranho” acontece, cada um se torna vítima ou acusador imediato. Nesse contexto, parece que a escola tem a culpa de tudo o que acontece. Quando atos violentos foram cometidos por estudantes ou por estranhos, a escola é imediatamente abordada para dizer o que faz ou vai fazer pela segurança. Por outro lado, se um adolescente cria imagens com nudes de colegas, não importa de onde ou por qual meio, a escola deve responder pela situação: “O que vocês estão fazendo?” “Queremos um posicionamento da escola!”.

Ora, a escola não ensina *bullying* ou *cyberbullying*; não patrocina violência física, moral ou sexual; não promove a solidão e a falta de sentido; não treina ninguém para usar ferramentas de Inteligência Artificial para destruir imagens e a dignidade de pessoas; a escola não incentiva o uso de cigarros eletrônicos ou outras drogas; não ensina racismo, xenofobia ou homofobia. Mas, quando manifestações e crimes como esses aparecem, a escola é procurada, acusada e execrada publicamente, como se fosse a responsável por dar respostas à sociedade. Agora, a bola da vez são os nudes, a partir do uso de ferramentas de IA, que expõem as pessoas de forma inaceitável. Ressalta-se, porém, que esse é um tema de esfera policial e legal e precisa ser abordado com toda a seriedade que merece. Então, por que a escola é imediatamente associada ao possível crime, ainda que cometido por um menor de idade, na maioria das vezes no silêncio de seu próprio quarto, em casa?

É preciso desnudar as mentes e desembaçar o olhar de indiferença e não cair numa visão míope da realidade. Já passou da hora de assumirmos – todos – a responsabilidade pelas mazelas sociais e pelas possíveis soluções para uma convivência saudável. E as perguntas são inevitáveis: o que temos feito para trabalhar esses temas com os nossos filhos? Quais são os assuntos de nossas conversas com eles? O que temos feito para alertar e ensinar sobre a responsabilidade dos atos e suas possíveis consequências?

A escola continua com sua indelével e intransferível missão de educar em todas as dimensões, em favor da vida plena. Mas não pode assumir a responsabilidade dos demais atores sociais – pais, responsáveis, igrejas, políticos, lideranças... – e ser colocada no cadafalso das acusações quando a responsabilidade deve ser assumida por todos os envolvidos.

Urge, portanto, juntar forças, discutir abertamente os temas de interesse público, desarmar os espíritos, escutar outros pontos de vista e encontrar os caminhos comuns que nos colocam na mesma direção, ainda que com as diferenças e toda a diversidade. Importa buscarmos as melhores alternativas que nos permitam proteger crianças, adolescentes e jovens. Senão, veremos nossas crianças definharem e se perderem... e, com elas, os melhores sonhos, a pureza da alma e o brilho no olhar. E se elas se perdem, perdemos todos nós.

Vanderlei Soela

Pedagogo, Psicólogo. Doutor em Administração. Diretor do Colégio Marista Dom Silvério (BH).